

## **INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SARAH KUBITSCHKEK – A EDUCAÇÃO INFANTIL EM FOCO. TEMPOS ÁUREOS QUE NÃO VOLTAM MAIS.**

Luiz Fernandes da Costa<sup>1</sup>

“ Revisitar o passado não é a tarefa que se faça apenas com base no que se pensa ingenuamente estar dado ou construído, com seus vestígios materiais que sobreviveram, já que se pondera o que o mundo (sociedade, ideias, natureza) é um conjunto de possibilidades de concebermos um presente a nós dado” (GARBINATTO, 2000, p. 40)

### **Resumo**

A regulamentação da profissão do magistério em 1931, e a Lei Orgânica/1946, contribuíram para a fundação de muitas escolas do Curso Normal no Brasil, dentre elas a Escola Normal Sarah Kubitschek, em 1959 (Distrito Federal-RJ). Depois de passar por sedes provisórias, finalmente a escola alcançou seu espaço definitivo. O prédio foi inaugurado em 13 de outubro de 1974, conforme registrou o Jornal do Brasil. A grandiosidade arquitetônica o elevou ao título de Instituto de Educação de Campo Grande. Em 1979 foi oficializado como Instituto de Educação Sarah Kubitschek (IESK). O espaço abriga três prédios, um Ginásio Esportivo e uma piscina semiolímpica. O prédio cedido para o Pré-Escolar recebeu o pseudônimo de “Jardim Escola Professor Waldemar Marques Pires”. Ali na escola laboratório foram desenvolvidas práticas exitosas. Com a dificuldade de resgate de documentos do curso, o pesquisador desse artigo, buscou na História Oral a reconstrução desse período histórico (1974-2009), através de entrevistas com 06 depoentes. Em 2009 o atendimento passou para a esfera municipal, o que concorreu com um forte sentimento de perda do IESK. Sendo assunto em 15 de outubro de 2010, quando do encontro com 140 aposentados do Instituto com uma ex-diretora que se indigna com a situação, e aponta como recurso o CFE-Brasília, mas morre em 2011.

Palavras – chave: História Oral, Professoras, Lembranças.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA-RJ) e doutorando pela Universidad Nacional Tres de Febrero (UNTREF – AR) – autor – luiz.fernandes2008@hotmail.com

## Introdução

A regulamentação da profissão do magistério em 1931, e a Lei Orgânica de 1946, contribuíram para a fundação de muitas escolas do Curso Normal no Brasil, dentre elas a Escola Normal Sarah Kubitschek. Fundada em 1959 no Distrito Federal (RJ) e sem sede para funcionamento, teve suas atividades iniciadas em 05 salas cedidas pela Escola Municipal Venezuela – Centro de Campo Grande. Em 1960 foi transferida para outra sede provisória, um antigo barracão de laranjas. Agora com espaço maior para o funcionamento, já que a demanda de atendimento era crescente. Hoje, no espaço, funciona uma agência bancária. Porém o crescimento vertiginoso continuou exigindo expansão, o que levou o governo a buscar um novo espaço, o que se deu com uma monumental construção durante a década de 1960, a maior da área de educação da América Latina. Posteriormente a obra foi abandonada<sup>2</sup>. Lima (2019) comenta esse episódio ao registrar que

“ as obras foram abandonadas por diversas vezes, sendo completamente embargada em 1962 pelo então governador Carlos Lacerda, que chamou a obra de “Brasília Educacional”, em mais uma referência a grandiosidade do projeto de Miécimo”. (LIMA, 2019, p. 178).

Finalmente o novo prédio da Escola Normal Sarah Kubitschek (ENSK) foi inaugurado, conforme registra o Jornal do Brasil – em 13 de outubro de 1974<sup>3</sup>. Mas, pela sua grandiosidade, passa a se chamar Instituto de Educação de Campo Grande. Só no ano de 1979, o Decreto nº 2027<sup>4</sup> vai oficializá-lo como Instituto de Educação Sarah Kubitschek. O espaço abriga 03 prédios, um Ginásio Esportivo e uma piscina semiolímpica. O prédio em forma de nave abriga o curso Normal, e as escolas laboratórios, uma delas foi separada para o Pré-Escolar e a outra para o 1º grau (Ensino Fundamental). Dada a natureza do trabalho pedagógico de cada parte, as escolas laboratórios tiveram seus pseudônimos. A do Pré-escolar foi chamada de “Jardim Escola Professor Waldemar Marques Pires<sup>5</sup>. Já a outra Escola, foi responsável pelo atendimento

---

<sup>2</sup> CORREIO DA MANHÃ. Escola Normal pode parar depois de seis anos abandonada. 24 de jun. de 1966, p. 5. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 06.08.17.

<sup>3</sup> : JORNAL DO BRASIL. 13 de out. de 1974, p. 38. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 02.08.17

<sup>4</sup> LIMA (2019, P. 184)

<sup>5</sup> Segundo artigo de LIMA(2019) o prof. Waldemar participou da discussão de uma Câmara Municipal paralela sobre o projeto nº 378 de autoria de Miécimo da Silva, que visava uma escola Normal em Campo Grande.



de todas as séries do 1º grau e recebeu o nome de Deolinda Caldeira de Alvarenga em homenagem a família dos Alvarengas, muito influente na região.

As dificuldades de levantamento dos documentos e de funcionamento da escola de educação infantil, nos oferece as fontes orais como possibilidade de resgate, daí o aporte da História Oral. A partir dela realizamos entrevistas, e foi possível resgatar a memória, aquilo que vivemos e como interagimos em nossa teia de relações educacionais, afetivas e históricas. Como Le Vem considera.

As entrevistas permitem ao entrevistado uma reformulação e sua identidade, na medida que ele está perante outro. Ele se percebe criador da história a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele para e reflete sobre a sua vida – e este momento é acirrado pelas entrevistas ocorrendo com frequências – se vê como autor social e criador da história. (Le Vem, 1997, p. 220)

Trata-se de uma época de transição social na qual a sociedade creditava aos pais ou responsáveis, a principal missão de educar os filhos na formação de hábitos e atitudes. Mas os tempos mudaram, e milhares de mulheres se lançaram no mundo do trabalho formal, principalmente para complementar o orçamento familiar. O que exigiu a atenção do governo à lacuna deixada pela educação familiar e a busca das primeiras iniciativas de como adequar ensino, hábitos e atitudes.

Para essa produção participaram 05 ex-professoras, e uma ex-aluna do curso. Uma delas tem idade entre 60 e 70 anos; 04 tem idade entre 50 e 60 anos e, a ex-aluna que tem idade entre 40 e 50 anos seguiu carreira no magistério. Elas narram fatos dessa modalidade de ensino (1974 – 2009), e buscam explicar as bases com os quais se estruturou o trabalho pedagógico educacional. Tais registros assumem importância para uma revisão do que foi a proposta, assim como ela influenciou à Educação Infantil na região. Como considera Gusmão, para quem

A História Oral aplicada à educação pode iluminar os lugares ocultos da vida escolar, apontar formas sutis de resistência e sublinhar os efeitos de currículos, normas e diretrizes. O professor ganha relevo, o que permite resgatar impasses e aspiração da categoria. (GUSMÃO, 2004, p. 31)

## **Desenvolvimento**

É nessa esfera de altruísmo que surge o Pré-Escolar. Inicialmente com a ideia de cuidado. Depois foi sendo sistematizado em direção ao processo educativo. Esse modelo, como prolongamento do que é realizado em casa, já apresentava em seu bojo o ensino, aliado a formação emocional da criança. Assim os anos de 1970 foram determinantes para a focalização



do desenvolvimento intelectual da criança, fazendo surgir novos valores, que culminaram com “a exigência de um modelo educacional focado nos aspectos cognitivos, emocionais e sociais da criança pequena”. (OLIVEIRA, 2002, p. 109)

No entanto a execução da proposta não tem sido tão fácil, como considera a autora. Para ela,

nesse momento já aparecem algumas posições históricas em face da educação infantil que iriam se arrastar até hoje: o assistencialismo e uma educação compensatória aos desafortunados socialmente. Planejar um ambiente promotor da educação era meta considerada com dificuldade. (OLIVEIRA, 2002, p.93).

Assim com a proposta educacional de atendimento ao público infantil de Campo Grande, a história da educação da Zona Oeste ganha destaque. Trata-se de um trabalho pioneiro, comunicado por atores educacionais que atuaram nesse processo. Segundo o parecer da professora Vicência o atendimento ao Pré-escolar se deu a partir de 1972, período em que a escola estava em transição. É quando ocorre a mudança da Rua Augusto Vasconcelos, centro de Campo Grande, para a Avenida Caldeira de Alvarenga, nº 1203, no mesmo bairro. Com a inauguração da nova sede, encontrou-se um outro problema. Por conta dos anos de abandono, o prédio da escola laboratório que seria ocupado pelo Pré-Escolar estava muito danificado. Contudo o espaço físico não era mais um problema, é o que considera a professora Cecília que detalha que

Foi na gestão da professora Dayse Pretorial (diretora do Instituto) que o prédio da escola foi reformado. Uma nova planta foi apresentada, a partir das qual se organizou as novas instalações.

Como uma das primeiras professoras no curso, relata que,

de início o Pré - Escolar não tinha muitas coisas. Levei um ‘baque’ ao visitar o ambiente onde funcionaria a Pré-escola. Estava tão empoeirado, materiais estragados, bancos quebrados. Praticamente estava tudo abandonado. O espaço era muito feio.

A restauração do espaço necessitou da união da comunidade escolar. Pais, professores, direção e funcionários de apoio se esmeraram em um mutirão de atividades durante uma semana. Assim se preparou o ambiente para atender as crianças, como detalha a professora Cecília sobre a distribuição por faixa etária: 1º período: de 03 a 04 anos incompleto; 2º período: de 04 a 05 anos incompleto e 3º período: de 05 a 06 anos.

O entusiasmo após a preparação do espaço e o recebimento dos alunos, motivaram as professoras em dar um pseudônimo a escola, sem desconsiderar que a administração era de competência do IESK. Assim a nomearam como “Jardim de Infância Professor Waldemar Marques Pires”. Essa escola introduz na década de 1970 o modelo construtivista de ensino,



aliado a realidade regional, e promove, segundo algumas das depoentes, a melhor Pré-Alfabetização já experienciada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro, e ao mesmo tempo capacita os normalistas em formação para tal exercício. Como comenta a professora Vicência,

para ela os trabalhos do Pré-Escolar seguiam uma base sólida, que procurava atender as quatro áreas: o cognitivo, o físico, o social e o afetivo. Esses pilares eram levados em consideração no planejamento para incentivar a criatividade e se posicionar diante do saber.

E a professora Cecília complementa, ao dizer que:

o trabalho era bonito, dentro da proposta pedagógica. A criança aprendia a ler com liberdade, através das experiências.... As pessoas custavam a acreditar – “parece escola do Primeiro Mundo”.

A Metodologia construtivista prioriza as atividades lúdicas, mas não um lúdico como atividade recreativa. Elas seguem objetivos bem definidos, que funcionam como estímulos para o aprender, o socializar e o conviver. A criança aprende na prática o jogo da vida, onde perder e ganhar fazem parte do processo. O que funciona como preparo para futuros cidadãos e cidadãs no enfrentamento do mundo, mas com possibilidade de superação. A importância da formação escolar nos primeiros anos é considerada um marco, como teoriza Tereza Maluf (2009).

Os primeiros anos da vida são decisivos na formação a criança, pois se trata de um período em que ela está construindo sua identidade e grande parte de sua estrutura física, afetiva e intelectual. Sobretudo nessa fase, deve-se adotar várias estratégias, entre elas as atividades lúdicas, que são capazes de intervir positivamente no desenvolvimento da criança, suprimindo suas necessidades biopsicossociais, assegurando-lhe condições adequadas para o desenvolvimento de competências. (MALUF, 2005, p. 13)

Já a reforma do prédio do Pré-escolar é testemunhada pela professora Márcia Joana, ao citar que era uma escola de referência com espaços amplos adaptados às necessidades do movimento das crianças, móveis compatíveis com a proposta de autonomia e independência. Não obstante, temos também a visão da professora Elaine, quando aluna do Pré-Escolar, que cita com pormenores a distribuição do espaço. Disse que:

O prédio era muito bonito. Havia um pátio interno que tinha vigas circulares, salas enormes, muitas portas de vidro que se abriam para o espaço onde estava o estacionamento. Também uma sala de espera com todo o mobiliário infantil.

E esse espaço era cuidadosamente limpo e organizado, como relatam as professoras que estiveram em exercício: fazia parte da proposta “educar o aluno para o senso da ordem e espacialidade”.

A escola dos pequenos acompanhou o curso Normal, adotando o uniforme nas cores azul em branco, como relata a professora Elaine. Segundo ela, as crianças seguiam as cores da



escola Normal. Era bermuda azul marinho até o joelho, camisa de tergal branca com o primeiro nome estampado na frente, na cor azul marinho.

Nesse aspecto a professora Vilma acrescenta que em seu período de docência as crianças usavam um jaleco branco. E como a escola fez história, a professora Cecília destaca um aluno, que hoje é bem-sucedido no meio artístico, uma pessoa pública. Trata-se de Theison Failde de Souza (**o cantor Ferrugem**), que foi aluno da professora Cecília no Pré-escolar do Instituto.

A demanda de atendimento era grande. A escola procurava acompanhar e atender as solicitações, as vezes saindo de seu limite de ocupação. Eram 05 turmas por turno, cada uma com uma média de 25 alunos, o que totalizava o atendimento a cerca de 250 alunos. No entanto em alguns momentos a professora Cecília nos relata que chegou a atender 300 alunos. E a professora Márcia Joana esclarece a distribuição desses alunos dentro da extensão escolar. Eram 05 turmas por turno, pois contávamos com o rodízio. Haviam 04 salas amplas, com lugares definidos para atividades diversificadas, e um espaço extra.

A estrutura de trabalho parecia atender bem aos alunos. As propostas eram entendidas pelas crianças, assim como a cumplicidade com a metodologia aplicada, como comenta a professora Vicência de forma muito entusiasmada. Ela descreve que:

nas salas de aula tínhamos um ambiente totalmente voltado para o “ensinar brincando”. Também tínhamos outros ambientes como de jogo, sala de vídeo, biblioteca, parquinho. Tínhamos um outro espaço chamado de Bolota, que seria mais livre, mas também de aprendizagem.

O espaço Bolota, dá ideia de algo mais enigmático. A professora Márcia Joana esclarece que era reservado para a brincadeira simbólica. Incluía atividades viso—motoras, psicomotoras, além das brincadeiras simbólicas. E Elaine prossegue relatando um procedimento pedagógico no qual os alunos eram situados na linha do tempo “ontem”, “hoje” e “amanhã – em todos os dias de aula havia exercícios de fixação temporal. E complementa que todos eram preparados para as diferentes atividades, nos diferentes lugares, conhecendo a função a ser desempenhada em cada um deles. Na evocação de sua memória infantil ela esclarece:

aqui eu brinco, ali eu estudo, aqui eu pinto, aqui eu leio com a professora (biblioteca), ali é a sala de vídeo, lá é a sala de esportes, lá é o refeitório, lá é o espaço de higiene, soninho e mais...

Todo o trabalho era realizado em parceria com os pais. A comunidade escolar estava sempre presente em todas as realizações, como participante e testemunha da construção da memória individual e ou coletiva. Como considera Le GOFF.



A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja base é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades [...] LE GOFF, 2003, P. 469

O que deu muito certo. O sucesso desse trabalho é comentado pela professora Solange,

tínhamos um planejamento em equipe e seguíamos. Em caso de mudanças, fazíamos as justificativas. Nossa opinião era ouvida pelos responsáveis, sempre muito participativos ao trabalho que desenvolvíamos.

Por conta do envolvimento da comunidade escolar, as festas eram cuidadosamente preparadas. Não havia seleção dos trabalhos produzidos pelas crianças. Todas eram avaliadas no quesito formação e participação, para evitar o enaltecimento de umas, em detrimento da produção de outras. Esse era o norte da atuação pedagógica. O que é exemplificado com a realização de uma das festas, e é relatado pela professora Cecília.

A Festa da Primavera era a “grande festa do ano”. A exposição era montada com o trabalho realizado por todos os alunos. Os pais tinham interesse em ver, não só essa festividade, mas todas as realizadas. Na festa que cuidou do cerimonial natalício, o Papai Noel era um dos pais de nossos alunos. Todos os gorros foram confeccionados pela escola. Esse e outros materiais eram reaproveitados nas festas seguintes.

Já a professora Solange fala da importância das festas para arrecadar fundos para as atividades pedagógicas. Ela relata que,

realizamos festas onde arrecadávamos fundos, como por exemplo para as festas juninas, que eram inesquecíveis. Fazíamos comemoração do Dia das Crianças com uma semana de atividades, em parceria com o curso de formação dos professores. A Direção Geral também enviava os materiais solicitados pela Direção Adjunta.

Os relatos prosseguem, e nele a professora Cecília revela que a equipe de professores tinha todo o cuidado com a parte formativa e emocional das crianças, por isso, os presentes eram padronizados. Os pais tomavam conhecimento de todo o planejamento pedagógico, e imprimiam uma certa cumplicidade com o desenvolvimento do mesmo. Já com os pequenos estabelecia-se o ‘caminho do diálogo’, evitando-se a rispidez. Então as crianças se recompunham e harmoniosamente voltavam as atividades.

A partir da Constituição de 1988, a Educação Infantil passa a ser discutida como integrante da Educação Básica. Nela a creche, a Pré-Escola, passam a ser incluídas na política educacional. Posteriormente a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9394 / 1996), em seu artigo 29 determina o atendimento ao público mirim até aos seis anos. Em decorrência surge o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), que considera que

A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, emocionais e cognitivas. Tem desejo de estar próxima às pessoas e é capaz de interagir e aprender com elas de forma que possa compreender e influenciar seu ambiente. Ampliando suas relações



sociais, interações e formas de comunicação, as crianças sentem-se cada vez mais seguras para se expressar. (BRASIL, RCNEI, p. 21, 1998)

De forma que os estudos da educação na Órbita Federal, assim como a Legislação Governamental estadual/municipal em suas buscas de escolarização para as crianças menores de 7 anos, através da comparação com o que tem sido realizado, pode confirmar o valor do trabalho desenvolvido pela escola de Educação Infantil do IESK. Na verdade, o Instituto de Educação Sarah Kubitschek (através de sua escola laboratório Jardim Escola Professor Waldemar Marques Pires) tinha muito a colaborar com a prática de seus trabalhos e realizações desenvolvidas. E quando o atendimento a Educação Infantil parece estruturado nacionalmente, e a caminho da plenitude educacional, o “acaso” abate uma iniciativa regional, interrompe suas experiências e atendimentos de um saber notório construído por mais de três décadas. O ensino fundamental, cujo mote inclui a Educação infantil, passa a ser de competência municipal, o que desobriga o estado de manter a oferta de uma parte muito significativa da educação. Nesse momento o modelo de ensino de Educação Infantil do IESK desfrutava de prestígio junto a comunidade escolar e de seu entorno, já que estava no ápice de suas realizações, quando chegam as mudanças. Como considera a professora Solange.

Trabalhei no instituto com essa modalidade de ensino de 1996 a 2009. Assisti o final do atendimento ao curso. A época o ambiente do curso era perfeito. Tínhamos atividades diversificadas e tudo funcionava perfeitamente. A Diretora Adjunta – professora Sandra estava à frente da administração da escola infantil. Era uma pessoa fantástica. Cativava a todos. Éramos uma equipe muito entrosada e ouvimos diversas vezes que tudo que fazíamos, funcionava melhor do que as escolas particulares de renome em Campo Grande. Nossas atividades extraclasse foram inesquecíveis. Falo como professora e mãe de aluno.

Enquanto a oportunidade de atendimento aos pequenos se encerrava, o Instituto estava em pleno festejo de seu Primeiro Cinquentenário (1959 – 2009). Mas um fato chamou atenção da comunidade escolar. A Secretaria Estadual de Educação do Rio de Janeiro (SEE – RJ) enviou um presente para o espaço da Educação Infantil da escola, uma brinquedoteca de última geração. O que fazer, se não havia mais crianças para utilizá-la? A entrega trouxe um certo constrangimento a todos os que estavam envolvidos com essa modalidade de ensino, vivendo o momento de perda.

Na ocasião, o pesquisador desse artigo e coordenador dos festejos do cinquentenário do IESK, organizou uma atividade cultural no principal calçadão de Campo Grande – rua Coronel Agostinho. Ali os alunos do IESK fizeram uma “enquete popular” para conhecer a opinião da comunidade da Zona Oeste da cidade, que reprovou veementemente o encerramento de atendimento da Educação Infantil no Instituto de Educação, tomando por justificativa o fato de





ser escola de formação e professores. Porém sem autorização de funcionamento, o curso foi encerrado, como testemunha a professora Márcia Joana.

Lamentável. Foi uma luta, se me não engano, por três anos procuramos manter o curso. Mas perdemos! A escola perdeu, o instituto perdeu, a comunidade perdeu, enfim, a educação perdeu!

O que também é comentado pela professora Vicência, para quem: com muita tristeza o público infantil da região perdeu muito em qualidade de ensino aprendizagem.

E em conjunto as depoentes deixam em linhas gerais o parecer como equipe de trabalho,

o Pré-Escolar (Ed. Infantil) nos traz lembrança de um tempo em que a escola e família puderam caminhar juntas para o mesmo propósito. Um período de aprendizado muito grande, em um espaço que valorizava a educação. Um ensino focado no aluno, no seu desenvolvimento como pessoa. O modelo de trabalho desenvolveu mais o nosso senso de humanidade, nos enriqueceu profissionalmente, e nos transformou em educadoras com uma visão mais ampla de educação.

Contudo, o sentimento de indignação não se aplacou rapidamente, como se vê no encontro de professores aposentados que se deu no Luso Brasileiro Tênis Clube de Campo Grande, em 15 de outubro de 2010. Esse encontro foi organizado por uma ex-diretora, a professora Ieda Thomé, do qual o pesquisador fez parte da equipe organizadora do evento. Cerca de 140 pessoas, entre professores, inspetores e funcionários de apoio, estiveram presentes no "Primeiro Encontro dos Amigos Pra Sempre". Quando de repente o discurso de boas vindas da professora Ieda Thomé perde a empolgação. Percebe-se em dado momento uma mudança radical de sua fala, seu rosto fica grave e ela lança sua nota de repúdio.

Estamos em um momento festivo, de reencontro de professores que fizeram a história do Instituto de Educação Sarah Kubitschek. No entanto, não posso me calar diante das últimas ocorrências. O que está acontecendo com o nosso instituto é deprimente! O fim da Educação Infantil, e a ocupação de parte dos prédios pela Universidade Estadual da Zona Oeste (UEZO) descaracterizaram o curso Normal do Instituto. O Sarah é uma escola diferente. Uma escola de formação de professores perdendo suas escolas laboratórios, sua demanda de trabalho na região. Precisamos nos movimentar. Fazer uma abaixo-assinado, ir ao Conselho Federal de Educação (CFE) em Brasília para defender nossa escola.

O seu discurso trouxe sobre todos a consternação. Aquela história, era a nossa história. Uma página rasgada sem condição de ser restaurada. Em março de 2011, a professora Ieda Thomé, uma das grandes defensoras do Instituto morria, e foi sepultada pelos parentes, amigos e professores sobre os ecos da música "Como é grande o meu amor por você" de Roberto Carlos.



## Referências

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC / SEF, 1998.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm#:~:text=26.,da%20economia%20e%20da%20clientela](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=26.,da%20economia%20e%20da%20clientela). Acesso em: 13 de abr. de 2022.

BRASIL. **Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto-Lei n.º 8.530/1946. **Lei Orgânica do Ensino Normal**. 1946e. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del8530.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Decreto-Lei/1937-1946/Del8530.htm). Acesso em: 07 dez. 2020.

CORREIO DA MANHÃ. Escola Normal pode parar depois de seis anos abandonada. 24 de jun. de 1966, p. 5. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 06.08.17.

GARBINATTO, V. Ensino de História e patrimônio histórico: pontes para a construção da memória e cidadania. Ciências e Letras. Porto Alegre, Faculdade Porto Alegrense, nº 27, 2000.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Hemeroteca digital da biblioteca nacional. Rio de Janeiro, RJ, (s.d.). Disponível em: [hemerotecadigital.bn.br](http://hemerotecadigital.bn.br). Acessado em 20 de março de 2020.

GUSMÃO, E. M. Memórias de quem ensina: Cultura e identidade docente. São Paulo: Editora UNESP, 2004

.JORNAL DO BRASIL. 13 de out. de 1974, p. 38. Disponível em <http://bndigital.bn.br/hemeroteca-digital/>. Acessado dia 02.08.17

LE GOFF, J. História e Memória; tradução Bernardo Leitão... [et. al.]. – 4 ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LE VEM, M. M. et al. História Oral da vida. O instante da entrevista. In: VON SIMSON. Olga Rodrigues de Moraes, (org.). Os desafios contemporâneos de história oral – 1996. Campinas: área de publicações CMU/ Unicamp, 1997.

LIMA, F. S. Instituto de Educação Sarah Kubitschek; as origens da “Brasília de Miécimo” (1957). Revista Contemporânea de Educação, v. 14, n. 30, maio/ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.20500/rce.v14i30.20822>

MALUF, A. C. M. Atividades lúdicas para Educação infantil; conceitos, orientações e práticas, 2. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009

OLIVEIRA, Z. R. de. **Educação Infantil Métodos**. São Paulo, 2002.